



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17793 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT13 - Educação Fundamental

NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE CRIANÇAS SOBRE A ESCOLA RURAL DE MOSSORÓ/RN

Érica Renata Clemente Rodrigues - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Elizeu Clementino de Souza - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

## **NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE CRIANÇAS SOBRE A ESCOLA RURAL DE MOSSORÓ/RN**

---

Autor(a) <sup>[1]</sup>

Coautor(a) <sup>[2]</sup>

### **1 INTRODUÇÃO:** contexto, justificativa e motivação da pesquisa

O presente texto apresenta uma síntese da pesquisa doutoral em andamento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em XXXXX, da Universidade do Estado XXXXX. A investigação passou pelo primeiro processo de qualificação e tem aprovação do comitê de ética em pesquisa (CEP-XXXXX).

A pesquisa centra-se na análise de narrativas de crianças de uma turma multisseriada de uma escola rural de Mossoró/RN, com ênfase nas aprendizagens experienciais vivenciadas no cotidiano da escola. O interesse em investigar narrativas escritas e orais de crianças advém da junção de minha experiência pessoal com a escrita e narrativa de si e de minha experiência de iniciação à carreira docente em uma escola rural de Mossoró, em turmas multisseriadas, com crianças de 6 a 12 anos – ensino fundamental. Ambas as experiências têm ocorrido simultaneamente desde meados de 2015, quando ainda concluía o mestrado em

educação e iniciava à carreira docente.

Assim, a escolha do lócus da pesquisa se deu, a priori, por minhas implicações de vida-formação com a instituição, pois nesse lugar tenho atuado e aprendido a ser professora rural junto com meus pares e com as crianças. A pesquisa se justifica pela necessidade de discussão e luta por uma educação pública de qualidade, mais especificamente para as diferentes ruralidades, considerando suas especificidades, e seus partícipes. É interessante destacar que no contexto da cidade pesquisada não há implementação de uma política educacional para as escolas municipais rurais, orientadas a trabalhar de modo urbanocêntrico.

## **2 CAMINHOS E TRILHAS DAS PESQUISAS COM CRIANÇAS**

A infância, como qualquer fase da vida, tem seus contrastes e suas singularidades. Isso é algo fundamental que até pouco tempo era pensado de forma mais genérica e veio ganhar força com as teorias sociológicas e psicológicas do desenvolvimento infantil. Os pesquisadores sobre a infância, no Brasil, nos últimos trinta anos, têm realizado um sério esforço para consolidar uma visão da criança como cidadã, sujeito criativo, indivíduo social, produtora da cultura e da história, ao mesmo tempo em que é produzida na história e na cultura que lhe são contemporâneas.

Araújo (2009) configura panoramicamente alguns marcos filosóficos em torno da criança a partir do século XVI. O autor apresenta posições múltiplas encontradas nas obras de diversos autores, como Martinho Lutero, Jean-Jacques Rousseau, John Dewey, Antonio Gramsci, entre outros. Tais posições múltiplas possibilitaram compreender diversas expressões por vezes antagônicas, através de antropologias assentadas no inatismo, empirismo, materialismo histórico, idealismo, cristianismo, racionalismo, naturalismo entre outras.

De acordo com Araújo (2009, p. 79), investigar a respeito das concepções de criança e de infância no Brasil promove a busca pelas raízes europeias de nossa cultura basicamente porque a cultura brasileira veio se nutrindo pelo diálogo com o movimento histórico europeu.

Nesse sentido, como construção histórica, a infância foi, ao longo dos anos, sendo determinada culturalmente e construída historicamente, passando a assumir, nesses espaços/tempos diferentes, significações no decorrer de seus estudos. Entende-se, a partir desses pressupostos, que não se pode conceber, nos dias atuais, a criança como um adulto em miniatura. Mesmo assemelhando-se a um

adulto, por sua aparência física e também por suas faculdades cognitivas (razão, memória, intuição, imaginação etc.), a criança vai desenvolvendo paulatinamente, através da educação, seu universo particular de potencialidades para além das capacidades biológicas.

Passeggi *et al.* (2014), assim como Kramer (2002), apontam que a partir dos anos 1990 multiplicaram-se os trabalhos no âmbito da Sociologia da Infância em defesa de uma (r)evolução que vem permitindo operar a passagem da representação da criança como um “vir-a-ser-humano”, que a tornava “invisível” como sujeito de direito.

Nesse sentido, as autoras propõem olhar a infância de modo a levar em conta a alteridade da criança, legitimando-a como ser capaz de refletir ao narrar suas vivências, e, por esse caminho, trazer informações importantes sobre as escolas da infância e sobre a criança-sujeito. As autoras vão ao encontro de investigações realizadas nos últimos anos preocupadas em conferir à criança o estatuto de sujeito de direito, conforme atestam as publicações mais recentes nessa área.

Reconhecer que a criança pequena tem experiências e que é capaz de refletir sobre elas. Esta é uma de nossas principais conclusões, que embora permeada por toda sua complexidade, nos encoraja a continuar fazer da narrativa nosso objeto de estudo e instrumento potencialmente rico para os estudos da criança e das escolas da infância (Passeggi *et al.*, 2014, p. 100).

Em suma, reconhecer que a criança tem experiências e que é capaz de refletir sobre elas é que o motiva a desenvolvimento deste projeto de pesquisa. Ouvir a voz dessas crianças pode nos dar subsídios para pensar melhor sobre elas, sobre o ambiente em que vivem, sobre os desejos, anseios e sobre como vão se constituindo diante da escola. Tais subsídios são importantes para pensar melhor políticas educacionais no Brasil, políticas de formação de professores, bem como as escolas que temos hoje para nossas crianças. Entende-se ainda, que a escuta sensível, as narrativas autobiográficas e escritas de si são extremamente formativas e formadoras, constituindo-se rico material de estudo para refletir sobre nós mesmos como sujeitos “aprendentes”, sobre nossas histórias, sobre nossa constituição.

Nessa perspectiva, a infância é entendida como um grupo social, do tipo geracional, permanente. Este grupo é constituído por crianças e sofre a renovação contínua inerente ao nascimento e ao crescimento dos seres humanos.

Apesar de não ser possível estabelecer, salvo convencionalmente, uma idade para o fim da infância, e de no seu interior existirem

diferentes sub-grupos etários (bebés, crianças em idade pré-escolar, crianças em idade escolar, etc.); apesar, outrossim, das crianças pertencerem a diferentes condições sociais de classe, de género, de etnia, etc.; apesar de, concomitantemente, serem muito diferenciadas, e desiguais, as oportunidades e condições de vida, as práticas sociais dirigidas para as crianças e as formas de acção destas – apesar disto tudo, há elementos comuns que caracterizam todas as crianças e possibilitam a consideração desta realidade social colectiva distinta, a infância: a peculiar situação de vulnerabilidade e dependência social, económica e jurídica dos seus membros; a ausência de direitos cívicos e políticos formais; o conjunto de concepções socialmente produzidas que, sendo heteróclitas e contraditórias, têm o poder de referenciar distintivamente o que é ser ‘criança’ (Sarmiento, 2011, p. 584).

Esses elementos comuns não são estáticos, transformam-se ao longo dos tempos, tanto quanto os espaços geográficos e sociais, mas configuram condições específicas de existência para as crianças em cada espaço-tempo concreto. Nesse sentido, a história marca indelevelmente a geração da infância.

De acordo com Sarmiento (2011), a criação da escola pública, na modernidade, constitui um dos eixos de configuração da infância moderna. Com a instituição escolar, foi estabelecido o pilar de socialização das crianças.

Com a escola, a criança assume o estatuto de ser social, objecto de um processo intencional de transmissão de valores e saberes comuns, politicamente definidos, e destinatário objectivo de políticas públicas. A escola realizou a desprivatização das crianças e desvinculou-as parcialmente do espaço doméstico e da exclusividade da protecção parental. Com a escola, a infância foi instituída como categoria social dos cidadãos futuros, em estado de preparação para a vida social plena Sarmiento, 2011, p. 588).

Na verdade, é do aluno – mais do que a criança – de quem a escola se ocupa (Sarmiento, 2011, p. 588).

Concomitantemente com a escola e a ‘invenção do aluno’ a criança é investida de uma condição institucional e ganha uma dimensão ‘pública’. De algum modo, perante a instituição, a criança ‘morre’, enquanto sujeito concreto, com saberes e emoções, aspirações, sentimentos e vontades próprias, para dar lugar ao aprendiz, destinatário da acção adulta, agente de comportamentos prescritos, pelo qual é avaliado, premiado ou sancionado.

Assim, a escola criou uma relação particular com o saber, uniformizando o modo de aquisição e transmissão do conhecimento, para além de toda a diferença individual, de classe ou de pertença cultural. Desse modo, atualmente a escola contemporânea continua enfrentando dificuldades em lidar com a heterogeneidade dos alunos e das salas de aula. Suas práticas, ações pedagógicas e currículos

tendem a buscar a uniformização do processo de ensino-aprendizagem.

Quanto à reinvenção do ofício de aluno de que Sarmiento (2011) trata, é profundamente potenciada pelas tecnologias de informação e comunicação. As palavras-chave deste “novo ofício” serão: autonomia; criatividade; espírito de iniciativa; empreendedorismo; avaliação. Certamente que palavras-chave do “velho ofício” não perdem atualidade ou significado, mas adquirem novas conotações e precisões: disciplina; esforço; empenho.

Este renovado ofício da criança mobiliza-se continuamente em torno da tensão entre autonomia e controle. De acordo com Sarmiento (2011, p. 592), “[...] a criança-aluno é chamada a desenvolver-se como indivíduo competente, capaz de definir o seu itinerário e trajecto escolar e social, mas é continuamente colocada sob o controlo avaliativo”. Esta autonomia compulsiva e sob medida é profundamente paradoxal.

### **3 CAMINHANDO COM AS CRIANÇAS:** metodologia da pesquisa

Em virtude das razões apresentadas, o estudo tem como objetivo geral investigar as narrativas de crianças sobre suas experiências com a escola rural multisseriada, como falam, e o que dizem da escola. Com tantos documentos orientadores e reguladores dos anos iniciais do ensino fundamental, pouco se debate como as crianças dessa etapa de ensino de zonas rurais se percebem, visualizam e lidam com suas aprendizagens, a partir de suas vozes. Outrossim, nos questionamos: como se constituem nas vozes destas crianças de 08 a 12 anos, as suas vivências, aprendizagens e vida escolar? Quais lembranças emergem de suas falas sobre seus caminhos na escola multisseriada? O que é ser criança em uma escola multisseriada de ensino fundamental? Quais perspectivas, sonhos, desejos essas crianças têm ao concluir os anos iniciais do ensino fundamental? Quais tensões circundam sua vida-formação e exercício cidadão?

Como contribuições acadêmicas e social tenciona ampliar estudos que trazem a criança para o centro da pesquisa, as ouvem, visibilizam suas narrativas, e reflexividade (auto)biográfica, de modo a inserir a palavra da criança socialmente. Além disso, as crianças que estudam em salas de aula multisseriadas têm direito de ter suas histórias narradas, registradas, valorizadas, sair da margem, de um lugar menos valorizado, menos visto.

A partir da construção do estado da arte da pesquisa e do levantamento

bibliográfico inicial, identifiquei que pouco se investiga as crianças como atores sociais nos ambientes que as acolhem. Desse modo, intensifica-se a necessidade “não apenas de ouvir a criança, mas sobretudo dar visibilidade às vozes das novas gerações dos atores sociais que ingressam na escola” (Furlanetto; Passeggi; Biasoli, 2020, p.18). Esses são aspectos ainda pouco considerados na formulação das políticas públicas para a infância e, também de políticas de formação de professores.

Uma lacuna identificada por esta pesquisa é o ínfimo e incipiente debate sobre crianças que estão nos anos iniciais da escola de ensino fundamental, de modo que encontramos poucos trabalhos que discutem expressões, narrativas, identidade, vida dessas crianças na escola. Quando se trata desse público em contextos rurais os trabalhos praticamente não existem. Não conseguimos detectar estudos em nível de mestrado ou doutorado que discutam, por exemplo a trajetória dessas crianças na escola, os ritos de passagem e adaptações da educação infantil para o ensino fundamental, ou as aprendizagens que tecem para viver no universo escolar, e em seu “ofício de aluno”.

Nesse sentido, faz-se profícuo e pertinente propiciar e ampliar o debate sobre a escuta das crianças, na formulação de políticas educacionais para a infância, tanto para as instituições que as acolhem, quanto para os profissionais que são responsáveis pela condução de suas aprendizagens no ambiente escolar. Desta feita, acrescentei a categoria *cidadania* a investigação inicial, na intenção de pesquisar o que as crianças percebem sobre seu exercício cidadão: se, se percebem cidadãos; percebem se suas vozes são ouvidas, valorizadas, consideradas nas decisões do ambiente escolar. Assim, os principais conceitos teóricos provisórios que norteiam a investigação são: crianças, infâncias, narrativas, formação/autoformação, cidadania, relação intergeracional, ruralidades e multisseriação.

Metodologicamente, o estudo ancora-se na pesquisa qualitativa e adota princípios da abordagem (auto)biográfica aliada a sociologia da infância, privilegiando as narrativas de crianças sobre suas vidas, como se veem, como visualizam a escola, como objeto de estudo. Considero os argumentos utilizados por Passeggi et al (2014), quando aponta duas questões principais sobre trabalhar com narrativas das crianças, em primeiro lugar, porque levamos a sério o esforço que elas fazem para compreender e explicar o que sentem, desejam ou não desejam. Além disso, o esforço humano de reflexividade (auto)biográfica torna as narrativas produzidas pela criança, acerca de suas experiências, um objeto de estudo precioso para o acesso às construções que elas fazem a respeito do que vivem na escola.

Utilizarei como dispositivos de investigação rodas de conversa, desenhos,

narrativas escritas e orais, sendo os colaboradores da pesquisa entre 05 e 10 crianças de uma turma multisseriada de 4º/5º ano da Escola Municipal Raimundo Galdino da Silva, zona rural de Mossoró/RN. Para a realização da colheita das narrativas tenho como inspiração o protocolo de condução de rodas de conversa, criados e utilizados por Passeggi et al (2014), no qual consistiu em criar um fantoche para iniciar o contato com as crianças. A ideia é que as crianças contêm suas vivências com a escola para o fantoche, o protocolo também possui um texto comum para iniciar, desenvolver e concluir as rodas de conversa. Lima (2018) e Coelho (2019) realizaram recentemente pesquisa com narrativas de crianças da educação infantil, tendo como opção metodológica as rodas de conversa com inspirações no protocolo criado por Passeggi et al (2014). Durante as rodas de conversa tomarei como estratégias o uso de desenhos das crianças, e as narrativas escritas e orais. Utilizarei um celular para gravar o áudio das narrativas das crianças, bem como um diário de campo para registrar as narrativas não verbalizadas, como gestos e silêncios.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando que este trabalho de pesquisa está em andamento destaco e pondero dois elementos que considero importantes na construção da investigação.

Primeiro, a importância de fortalecer as pesquisas *com* crianças, considerando-as uma categoria geracional. Muito do que se pesquisa atualmente, e muito do que as escolas públicas se ocupam hoje, diz respeito ao “ofício de aluno”, e não a estudar as crianças, e suas infâncias. Da mesma forma as políticas públicas pensadas para esse público não levam em conta suas opiniões, preocupações e sua cidadania ainda é vista como algo a ser adquirido e exercido no futuro, “quando deixar a fase de criança”.

Outra questão importante é a pretensão da proposta de análise da pesquisa que tem como base a abordagem compreensiva-interpretativa de Ricoeur (2009) e Autor (2014), e busca apreender regularidades e irregularidades das narrativas apresentadas pelos sujeitos da pesquisa, considerando, nesse processo, a singularidade das histórias e das experiências existentes nas narrativas individuais e coletivas (Autor, 2014).

**Palavras-chave:** Infâncias e crianças; Narrativas (auto)biográficas de crianças; Escola rural multisseriada.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Carlos Souza. Haveria uma antropologia infantil na modernidade? **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 36, n. 22, p. 74-113, set/dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/3968>. Acesso em: 12 nov. 2022.

COELHO, Patrícia Júlia Souza. **Narrativas de crianças da Educação Infantil de escola rural multisseriada do Território do Sisal – BA**. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação – Campus I, Salvador, 2019.

FURLANETTO, Ecleide Cunico; PASSEGGI, Maria da Conceição; BIASOLI, Karina Alves. **Infâncias, crianças e narrativas da escola**. Curitiba: CRV, 2020.

KRAMER, SONIA. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. São Paulo. **Cadernos de Pesquisa**, [S.l.], n. 116, p. 41-59, julho/ 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/LtTkWtfzsbJj8LcPNzFb9zd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2022.

LIMA, Maristela Rocha. **Sou rural, sou gente, tenho identidade: cultura, cotidiano e narrativas de alunos de escola rural**. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação – Campus I, Salvador, 2018.

PASSEGGI, Maria da Conceição et al. Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto)biográfica. **Revista Educação**, UFSM, v. 39, n. 1, p. 85-104, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/11345>. Acesso 10 out. 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição et al. **Desafios epistemológicos da pesquisa (auto)biográfica com crianças**. In: Pesquisa auto (biográfica) em educação: infâncias e adolescências em espaços escolares e não-escolares/ organizadores Maria da Conceição Passeggi... [et.al.]. – Natal, RN: EDUFERN, 2018. p. 45-72

RICOUER, Paul. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, LDA, 2009.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A reinvenção do ofício de aluno e de criança. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S.l.], 2011, v. 6, n. 3, p. 581-602, set./dez. 2011. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/36733>. Acesso em: 10 jan. 2022.

Autor, 2014.

---